



Artigo original

DESPORTO COMO MEIO DE EDUCAÇÃO DOS CORPOS

Efraime Nhabanga

*Escola Superior de Ciências do Desporto, Universidade Eduardo Mondlane (UEM),
Moçambique*

RESUMO: Tendo como pressuposto orientador o postulado da antropologia da diversidade cultural, este artigo tem a valência de reiterar a ideia de educação como um processo complexo, presente nas várias manifestações humanas. Desta feita, a partir da análise das manifestações desportivas, expõe-se um conjunto de elementos que mostram o quão a prática do desporto pode implicar todo um processo de socialização, educação dos corpos. A concepção deste artigo, que é de carácter exploratório, foi com base na revisão bibliográfica de dois tipos de literatura. Uma primeira literatura que propõe analisar a prática do desporto. E uma segunda, de carácter antropológico, que desafia-se a problematizar o corpo como objecto de socialização. O contacto com esta literatura possibilitou estabelecer uma relação entre o desporto e os processos de educação dos corpos. Ao se estabelecer esta relação constatou-se que, dado ao seu carácter processual, a educação ocorre em todos grupos humanos, em todas as relações sociais. Assim, a prática do desporto é uma relação social que implica determinada postura, técnica, significados e representações sociais relacionadas com os corpos dos indivíduos que praticam as mais diversas manifestações desportivas. Como pode-se entender, o desporto é um contexto cultural que pensa e socializa os corpos de forma a atenderem as lógicas do desporto.

Palavras-Chave: Corpo, Desporto e Contexto, Educação.

SPORT AS A MEANS OF EDUCATION OF BODIES

ABSTRACT: Having as a guiding presupposition the postulate of the anthropology of cultural diversity, this article has the value of reiterating the idea of education as a complex process, present in the various human manifestations. This time, from the analysis of sporting events, a set of elements that show that the practice of sport implies a whole process of socialization, education of the bodies. The conception of this article, which is an exploratory one, was based on the bibliographical review of two types of literature. A first literature that proposes to analyze the practice of sport. And a second one, of an anthropological character, that challenges itself to problematize the body as object of socialization. The contact with this literature allowed to establish a relation between the sport and the processes of education of the bodies. In establishing this relationship, it was found that, due to its procedural nature, education occurs in all human groups, in all social relations. Thus, the practice of sport is a social relation that implies a certain posture, technique, meanings and social representations related to the bodies of individuals who practice the most diverse sports manifestations. As one can understand, sport is a cultural context that thinks and socializes the bodies in order to attend to the logics of the sport.

Keywords: Body; Sport and Context, Education.

Correspondência para (correspondence to:) efrainenhabanga@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta análise sobre a educação dos corpos no desporto surge a partir da constatação segundo a qual, processos educativos decorrem em todos grupos humanos. Desta feita, torna-se importante analisá-los como processos de socialização que são imprescindíveis em qualquer espaço social, por serem composto por um conjunto de actores sociais.

Esta análise considera as modalidades desportivas como universos culturais por isso que em cada modalidade tem-se um conjunto de actores que interagem com o atleta de forma a instar nele as lógicas da cultura desportiva em causa. De entre estas lógicas, destaca-se as formas pelas quais o corpo - entende-se o conceito de corpo a partir da contribuição de Scheper-Hughes e Lock (1987, p. 7 - 8) que falam do corpo em três perspectivas: corpo individual (diz respeito a experiência de saúde e doença que são variadas); corpo social (que refere a representação do uso do corpo como símbolo para pensar a natureza, a sociedade e cultura) e o corpo político (que se refere à regulação, vigilância e controlo dos corpos individual e colectivo) - deve-se apresentar, por isso, este corpo é socializado, para responder ao contexto social em que encontra-se. A este processo, designar-se-á de educação dos corpos.

Assim, a forma como um corpo comum apresenta-se, na vida corrente, vai diferir-se da forma como um corpo desportivo vai apresentar-se. Esta diferença deve-se aos processos educativos diferentes que estes recebem. Como pode-se entender, existem lógicas, pressupostos de como deve ser educado um corpo. Ao analisar processos de educação, a pesquisa apoia-se na teoria fenomenológica - por esta ter ajudado a antropologia a reconfigurar o que significa

ser humano: ter um corpo, sofrer e sarar, assim como viver junto a outros seres humanos (DESJARLAIS e THROOP, 2011, p. 88).

A conceptualização destes autores é importante porque entendem que a teoria fenomenológica possibilita analisar relações sociais ligadas ao acto de "viver junto". Nestas relações, encontra-se os processos de educação dos corpos. Tal como vincaram os mesmos autores (DESJARLAIS e THROOP, 2011), a fenomenologia ajuda a discutir a experiência e a reconhecer a necessidade de localização das diversas modalidades de existência humana em horizontes de temporalidade em "constante" mudança. Neste sentido, a fenomenologia possibilita explorar a experiência de corpos que passam pelo processo de educação no desporto.

Importa vincar que a pertinência de proceder esta análise reside no facto de a temática da educação dos corpos possibilitar perceber aspectos fundamentais ao nível do desporto, como é o caso do sucesso desportivo, postura e técnica dos corpos durante as modalidades, assim como, o conjunto de representações sociais associadas ao corpo do atleta.

Como forma de conduzir a pesquisa, explora-se as concepções do corpo no desporto com a finalidade de melhor perceber os processos educativos pelos quais o corpo passa. Nestas concepções, destaca-se a ideia de pensar-se os corpos no desporto como locais de sacrifício, locais para o alcance da vitória e do sucesso, e que por isso precisam ser trabalhados. Estes factos resumem a razão pela qual, educam-se os corpos para enfrentarem os desafios desportivos e singrarem-se como glórias desportivas.

Em termos metodológicos, a pesquisa é de

carácter exploratório na medida em que as constatações tidas durante a análise podem ser posteriormente enriquecidas a partir do método etnográfico que pode ser útil para colher dados sobre a mesma problemática, com a finalidade de obter maior profundidade e propriedade na análise deste assunto. A concepção da pesquisa foi através da revisão bibliográfica de dois tipos de bibliografia, uma que é fruto de múltiplos ramos de conhecimento e dedica-se a analisar a actividade desportiva. A outra literatura é de teor antropológico que ao analisar o corpo como categoria analítica, propõe pensar o corpo como um constructo social, objecto de socialização, por via disso, o corpo pode ser educado.

O primeiro grupo de literatura torna-se importante para a análise porque aborda um leque de situações sociais que advém da prática do desporto, possibilitando deste feita a construção de problemáticas diversas, como por exemplo a problemática que orienta esta pesquisa, a educação dos corpos. Por sua vez, o segundo grupo é importante por conceber o corpo para além do objecto material, mas como criação social, por isso a sua análise possibilita perceber algumas relações sociais no tempo e no espaço.

O contacto com este tipo de literatura possibilitou analisar relações promovidas no contexto desportivo como relações de educação dos corpos, que tem a finalidade de tornar os corpos úteis para o desporto.

Contextualização em Torno da Educação Social dos Corpos

É importante realçar a concepção de educação que orienta esta pesquisa. É uma concepção que surge da contribuição de dois autores. O primeiro, Ribeiro (2002) que entende educação como meio de inclusão pública no campo da participação política. O segundo, Almeida *et al.* (2010, p. 63) que

defendem a ideia de perceber-se a possibilidade de o desporto contribuir para a educação do "indígena" ao tornar seus corpos especializados com o treinamento sistematizado, sendo iniciados precocemente.

As duas colocações possibilitam pensar educação como um processo que culmina com a inclusão à determinado contexto e, cria corpos especializados. Esses são os pressupostos pelos quais, no contexto desportivo, as técnicas desportivas são construídas e reconstruídas historicamente, com o intuito de aumentar sua eficácia em eventos desportivos (ALMEIDA *et al.*, 2010).

Pode-se inferir que a educação dos corpos como uma das principais preocupações de todos os agrupamentos sociais, no tempo e no espaço. Tuner (2003) é um dos defensores deste pressuposto ao referir que "em toda humanidade, boa parte da primeira educação tenta incutir a gerência e administração dos processos do corpo" (p. 6).

O mesmo entendimento é partilhado por De Almeida *et al.* (2010) ao entenderem que "os indivíduos desde o nascimento, aprendem valores, normas e costumes sociais por meio dos seus corpos, ou seja, um conteúdo cultural é incorporado ao seu conjunto de expressões" (p. 60).

Estes aspectos fazem com que conceba a problemática relativa à educação dos corpos como um objecto pertinente para proceder análises de teor antropológico pelo facto de possibilitar materializar um dos principais pressupostos desta disciplina, a diversidade cultural. Tal como defende Leach (1982, p. 118), "o tema principal de todos os tipos da antropologia é a diversidade da espécie humana".

A ideia de que ao analisar-se os processos de

educação dos corpos se está a analisar a diversidade humana sustenta-se pelo facto de que está problemática da educação dos corpos vai variar de um grupo para o outro. Este factor sucede porque cada contexto elabora lógicas específicas para educar e significar seus corpos.

Ao proceder-se análises relativas à educação dos corpos tem-se a possibilidade de analisar todo um conjunto de estruturações e funcionamentos sociais, e pode-se observar e detalhar lógicas diversas. É neste contexto que Mauss (1934) elabora um argumento ilustrativo em torno da educação que os actores sociais recebem em situações em que são chamados a usar o olhar como meio de estabelecer relações sociais.

Em Mauss (1934, p. 218) entende-se que “atribuiremos valores diferentes ao facto de olhar fixamente: símbolo de cortesia no exército e de descortesia na vida corrente”. Percebe-se neste teórico a ideia de que o corpo é um fenómeno social e cultural que é dotado de significados que são situacionais, depende das componentes de tempo e espaço.

Esta forma de conceber o corpo é em torno da ideia de entender o corpo como uma manifestação cultural, criado pela cultura que o rodeia. Até porque “a cultura ordena o meio a partir de regras, no caso do corpo, seu controle torna-se basilar para o desenvolvimento de padrões culturais específicos” (DE ALMEIDA *et al.*, 2010, p. 60).

Por sua vez, Rousseau (1991) entende a educação dos corpos como elemento pelo qual pode-se distinguir um possível estado da natureza do estado social. Por isso entende que, “a natureza colocou igualdade entre os homens e estes instituíram a desigualdade por isso tem-se um corpo bom e um corpo mau” (ROUSSEAU, 1991, p.

11).

Num outro momento o mesmo refere que existe na espécie humana dois tipos de desigualdades, a saber:

[...] uma natural ou física, que é estabelecida pela natureza, e que consiste nas diferenças das idades, da saúde, das forças do corpo e das qualidades do espírito, ou da alma; a outra, que pode se chamar de desigualdade moral ou política, porque depende de uma espécie de convenção, que é estabelecida ou, pelo menos, autorizada pelo consentimento dos homens (ROUSSEAU, 1991, p. 38 - 39).

O que este teórico sugere é a ideia segundo a qual começa-se a observar-se uma preocupação com a educação dos corpos a partir do momento em que se sai do estado natural para o estado social. A razão pela qual há uma preocupação para com a educação dos corpos no estado social prende-se com o facto de ter-se “um homem bom no estado natural e homem mau no estado social. Esta possível passagem de um estado para o outro inscreve-se no corpo que com o descobrir dos vícios nasceram os males sociais” (ROUSSEAU, 1991, p. 72 - 74).

Como se pode verificar, a ideia é pensar que o corpo é produzido e significado pela sociedade. Nesta ordem de ideia, concebe-se “os homens como uma produção cultural, sua fabricação presume uma reclusão. É durante a reclusão que há uma mudança significativa no corpo e onde os papéis sociais assumidos” (DE ALMEIDA *et al.*, 2010, p. 63).

Quando o corpo assume papéis sociais é sinónimo de que este é educado desde os tempos mais remotos. Esta ideia é também partilhada por Certeau (1998) ao defender que, “a lei que se inscreva sobre os corpos deve haver um aparelho que mediatize a relação de uma com os outros. Desde os

instrumentos para trabalhar o corpo, polícia, algemias, [...]” (p. 232). Desta feita, fica explícito neste autor o porquê da existência da lei. A lei visa educar os corpos, actividade que é desenvolvida através de instituições como polícia, igreja, escola ou qualquer grupo humano pois, sempre verifica-se lógicas relativas ao corpo.

Nesta ordem de ideias enquadra-se a ideia de conceber o corpo como um elemento com inscrições simultaneamente sociais e individuais. Por via disso, “os homens têm sempre uma maneira de servir-se por isso, recorrem aos seus corpos usando desta forma as técnicas corporais que implicam a socialização dos indivíduos” (MAUSS 1934: 211).

Este pressuposto ajuda a justificar o entendimento que se tem, segundo o qual o desporto constitui uma das manifestações humanas que possibilita analisar os processos de educação dos corpos. Penso nesta associação entre desporto e educação dos corpos por entender o desporto como uma prática social que instrui os actores sociais, desde as suas mais diversas posturas, técnicas do corpo, modos de usar os membros superiores e inferiores, ornamentação do corpo, modos de dançar e outras manifestações que podem ser experienciadas no contexto da prática do desporto.

Educação dos Corpos no Desporto

As ciências sociais têm uma tradição de interesse em analisar problemáticas relativas ao corpo. O interesse de alguns clássicos das ciências sociais nesta matéria é um dos indicadores desse pressuposto. São exemplos os interesses de Mauss (1934), Foucault (1995) e Bourdieu (1988) em analisar o corpo como elemento que possibilita compreender relações sociais diversas.

Mauss (1934,) entende que “o uso do corpo

é uma arte que adquire-se, suas técnicas, por meio de repetições” (p. 214). Neste sentido, um determinado acto (do corpo) pode ter valores diferentes dependendo do contexto porque em cada grupo social há educação de movimentos específicos para seu posterior emprego (uso) facto que pode implicar uma transformação completa da técnica. Esta forma de pensar relações sociais a partir do corpo, pode ajudar a pensar contextos sociais em que um determinado grupo de actores sociais, dedica-se a prática de manifestações desportivas.

Estas manifestações desportivas são transmitidas de uma geração à outra. Ideia similar é defendida por De Almeida *et al.* (2010, p. 68) ao referir que “as corridas transmitem a noção de elo entre os mundos físico e espiritual, ao mesmo tempo, fazem parte da cosmologia das sociedades indígenas e são transmitidas dos mais velhos aos mais novos”.

Nesta lógica, os professores de educação física, por serem um dos autores responsáveis por essa passagem de testemunho dos mais velhos aos mais novos, são vistos como indivíduos incumbidos de corrigir práticas corporais. Por isso são actores no processo de educação dos corpos uma vez que, ordenam o corpo, fazem o corpo de alguém, assim como dizem quais são os movimentos correctos em torno de uma determinada prática cultural (BOURDIEU, 1988, p. 160).

Por sua vez, Foucault (1995) ao analisar a problemática da educação dos corpos, faz uma distinção entre corpos que acatam a educação que lhes é transmitida e os que não acatam. Esta distinção faz com que concebasse os primeiros “corpos como sendo dóceis e úteis”. Corpo que pode ser sujeito, usado, transformado e melhorado, porque o corpo foi sempre objecto de investimento

imperioso e pressão em todas sociedades (FOCAULT, 1995, p. 136).

Esta ideia de corpos doces pode ser analisada no desporto a partir do momento que discute-se as motivações para a prática do desporto, nestas motivações consta a necessidade de cuidar da imagem, o que leva com que

[...] mulheres e jovens pratiquem, cada vez mais, actividades físico-desportivas. Neste tipo de práticas, verifica-se o culto do corpo, as motivações de natureza estética e busca de melhor saúde, constituem os principais motivos de realização destas actividades (GONÇALVES, 2011, p. 23).

Como se pode entender, alguns corpos das mulheres e jovens podem ser considerados como corpos doces pois acatam os processos de socialização, que partilha-se significados e representações em torno do corpo.

Este processo de socialização é responsável pelo facto de, em cada agrupamento cultural, promover-se mais a prática desportiva para determinados grupos em relação aos outros. É neste contexto que,

[...] os diferentes papéis sociais e familiares atribuídos às mulheres e homens promovem uma desigualdade de género em relação às práticas de lazer e hábitos desportivos. Por isso, as claras diferenças que existem entre os níveis de actividade física dos rapazes e das raparigas parecem poder ser mais explicadas pelo processo de socialização do que por factores biológicos (GONÇALVES, 2011, p. 25-24).

Sendo assim, Mauss (1934, p. 215) ajuda a pensar que, faz sentido considerar que cada sociedade tem hábitos que lhe são próprios. Estes hábitos que são próprios de cada sociedade inscrevem-se no corpo. Colaborando do mesmo entendimento De

Almeida *et al.* (2010, p. 70) defende que, “[...], compreende-se o treinamento como uma forma de manipulação regrada ou intencional sobre o corpo...”.

Este aspecto dá a entender que o desporto é uma cultura e as suas divisões constituem subculturas. Por isso, no desporto de rendimento observa lógicas próprias do corpo, que dizem respeito a um treinamento específico do corpo.

Uma outra pertinência desta discussão relativa à educação dos corpos por meio do desporto reside no facto de possibilitar analisar a história de um determinado país e, por via disso de determinados corpos. Estou a fazer referência a relação de dominação dos corpos promovida no contexto da colonização que implicou que as potências europeias “civilizassem”, “educassem” os povos de África. Nesta relação, usou-se o desporto como forma de educar o outro. Este mesmo desporto, depois de ser apropriado, foi depois usado pelo colonizado para mostrar o quão o colonizador estava equivocado. Foi desta forma que mostrou-se que não existe povo primitivo, cada um tem suas capacidades e especificidades.

Ao abordar um assunto similar, Rocha (2013) entende que, na óptica dos teóricos do colonialismo português, “mais do que prática desportiva, a educação física era a actividade que melhor se ajustava aos negros, por poderem aí desenvolver a estética das danças guerreiras e dos seus movimentos rítmicos cheios de elementos gímnicos de execução e poses atléticas” (p. 70). Não obstante o facto de estar evidente que o desporto foi usado como meio de socialização, fica claro que está forma de pensar estava ancorada à perspectiva evolucionista que tem um carácter etnocêntrico, por isso despreza as lógicas alheias.

Por sua vez Domingos e Nascimento (2013, p. 9) analisam a mesma problemática e defendem que “o processo de educação do “outro” tinha como fim, mostrar o quão inferior é o colonizado, ao mesmo tempo vincar a superioridade do colonizador”. Como consequência disso, poder-se-ia conceder oportunidade a alguns nativos de chegar ao estágio de civilizado.

Os dois autores prosseguem e referem que, pode-se perceber melhor este fenómeno de educação dos corpos quando analisa-se “o percurso de jogadores moçambicanos que saíram das suas zonas de origens, chegaram aos centros urbanos e tiveram o êxito de jogar na metrópole e adaptar-se numa realidade urbana e desportiva. Estes atletas tivessem um determinado tipo de relacionamento com os dispositivos de controlo colonial” (DOMINGOS e NASCIMENTO, 2013, p. 9).

Esta ideia de que o corpo, ao cumprir com alguns pré-requisitos, adapta-se a determinadas realidades, é também objecto de análise em De Almeida *et al.* (2010, p. 70) ao referir que “a lógica da competição faz com que sejam utilizados diferentes métodos de treinamento que servem para a adaptação do corpo exclusivamente à actividade física”.

Ao abordar-se a possível adaptação do corpo, promove-se um debate relativo à educação dos corpos, um processo que implica a mudança do corpo. Esta mudança é metaforicamente designada de “fabricação do corpo que ocorre devido à assimilação das técnicas corporais desportivas que se dão por meio de treinamento, com o objectivo de proceder a um aumento gradual do rendimento para a participação nessas competições” (DE ALEMIDA *et al.*, 2010, p. 71).

Pode-se entender o treinamento como meio

pelo qual os corpos envolvidos no desporto alcançam o rendimento desportivo. Nesta lógica, estes mesmos corpos vão observar performance apropriada, uma lógica específica. Por isso a ideia de Mendes *et al.* (2009, p. 95) segundo a qual, “no desporto há o corpo-próprio, o corpo que o atleta instrui como sendo seu, mas também há um corpo reflexo, o corpo que os outros vêm como sendo o corpo do atleta”.

Esta citação reitera a ideia de um processo de socialização em torno de um corpo destinado ao desporto. Contudo, seria problemático conceber essa concepção do corpo para o desporto como imutável pois, estar-se-ia a negligenciar todo um conjunto de aspectos que concorrem para a existência dessa concepção do corpo. Tal como defende Gonçalves (2011, p. 23) “a concepção de cultura física tem sofrido uma evolução, surgindo novos valores assentes em estilos de vida mais dinâmicos, em que o corpo desempenha importante papel enquanto produto de um sujeito activo”. Desta feita, a construção assim como a educação do corpo são processos marcados por um conjunto de transformações, dinâmicas sociais.

Concepção do Corpo no Desporto

É importante abordar as formas pelas quais concebe-se o corpo no desporto pelo facto de o debate poder servir de elemento para melhor compreender como é educado o corpo no seio desta manifestação humana, o desporto. De igual modo, o debate sobre as concepções do corpo possibilitam reiterar a característica dinâmica das relações sociais e a partir daí evidenciar a ideia segundo a qual, o desporto é uma das esferas sociais em que educa-se os corpos.

Pode-se pensar no corpo como um dos elementos de socialização para o atleta poder ter acesso ao contexto da prática do

desporto. O corpo aparece como uma das condições para fazer parte ou não da prática do desporto, por isso passa por um processo de socialização. Esta ideia é desenvolvida em Bitencourt (2005, p. 3) ao referir que, “encontra-se no desporto a humilhação pública, práticas que invadem a privacidade corporal e a intimidade e, em caso de resistência, com o uso da força para impor regras do grupo e promover a sua sociabilidade (...)”.

Atendendo e considerando o facto de ser o desporto uma prática que envolve o uso do corpo é interessante analisar como este corpo é concebido e quais os desafios e proezas do mesmo no âmbito desportivo. É neste contexto que concebe-se o “corpo do atleta como elemento que representa a dor, o sofrimento, sacrifícios, marcas e calos” (SILVA, 2014, p. 2). Mas, para o corpo do atleta poder lidar com estas situações passa por todo um processo de educação.

Como pode-se entender, no corpo do atleta decorrem um conjunto de intenções, é o local que verifica-se todo um sacrifício para se transformar em atleta. Desta feita, “quando se é atleta há toda uma necessidade de alcançar o desempenho máximo durante as competições, assim como o aumento do número de horas de trabalho [...]” (BRAGA, 2008, p. 12). Estas actividades fazem parte deste processo educativo do corpo assim como se inserem no contexto de como se concebe este mesmo corpo para o desporto.

Desta feita, um corpo envolvido em competição desportiva, tem ganhos múltiplos, desde os de ordem material passando pelos de ordem imaterial, ou outros os que não cabem nestas duas categorias. Por isso a ideia segundo a qual “mais do que dinheiro e premiação, procura realizar movimentos, facto que para estes corpos tem significado de conquista e superação” (SILVA 2014, p. 2).

Quando se imprime significados de conquista e superação, estamos no desporto descrito como de rendimento. Este desporto exige a dor, sua presença e sua superação. Por isso que há uma aprendizagem do corpo, pelo corpo e que se dá no e através do corpo. No caso concreto da “dor que é sentida no corpo, é aprendida no interior de um sistema prático-simbólico. Isto quer dizer que a dor sentida por um corpo inserido no desporto é objecto de práticas simbólicas” (BITENCOURT, 2005, p. 4 - 5).

Quando se fala de práticas simbólicas do corpo faz lembrar as marcas que se verifica nos corpos dos sujeitos que praticam o desporto, quando recorre-se por exemplo as tatuagens. Estas marcas têm um sentido de identidade dos corpos que fazem parte de um determinado contexto. Até porque “o corpo adquire, hoje, um estatuto essencial na construção de identidades, sendo alvo de preocupação constante por parte das várias camadas sociais” (VILHEMA, 2015, p. 130). Neste caso concreto, o corpo é objecto de preocupação ao nível do agrupamento desportivo, por isso é educado para atender aos desafios desta.

Porque o corpo aprende a ter uma determinada forma de estar e conceber o desporto, Bitencourt (2005) advoga que “a fadiga muscular e as lesões são facilmente assimiladas e raramente impedem o atleta de jogar ou treinar” (p. 14). Esta citação é também importante porque mostra que, um actor social cujo seu corpo não passou pelo mesmo processo de educação, pode ter um comportamento diferente do comportamento dos atletas, por exemplo em situação de fadiga ou lesão. Em corpos diferentes, com processos educativos diferentes dos promovidos no desporto, também serão diferentes os sentidos atribuídos às situações de fadiga e lesão.

No desporto, o corpo é visto ou acaba sendo

um repositório de memórias e experiências individuais e colectivas dos atletas e demais actores sociais. Nesta ordem de ideias Silva (2014, p. 11) entende que “há uma relação de afecto com roxos, os quais são relacionados a expressões marcas de batalhas, saudades e orgulho [...]”. Pode-se entender aqui a concepção do corpo como repositório de memórias dos momentos do jogo ou prática da actividade física, facto que pode servir de elemento de promoção de diversas relações sociais.

De referir que, seja qual for a concepção do corpo, esta é dinâmica, toma formas e sentido de acordo com as circunstâncias sociais. Por isso o entendimento de Bourdeau (1988) segundo o qual “as leis e regras vigentes numa determinada modalidade desportiva são dinâmicas” (p. 158). Com um entendimento semelhante Vilhema (2015, p. 131 - 133) advoga a ideia segundo a qual “o corpo é uma construção social historicamente datada [...] e o hábito de o homem submeter às práticas de transformação dos corpos é milenar [...]”.

De referir que, se por um lado, verifica-se uma educação para um corpo envolvido em qualquer actividade desportiva por outro, verifica-se também uma educação específica para os corpos envolvidos em cada modalidade. Bourdeau (1988, p. 160) analisa a educação mais ampla dos corpos envolvidos em actividades desportivas ao referir que, os professores de educação física, “[...] começaram a analisar o que significa para o técnico ou professor de música, ordenar o corpo, fazer o corpo, corpo de alguém ou como este movimento é correcto”.

Está explícita a ideia de que o corpo é educado para ter movimentos correctos, seja qual for o contexto. O mesmo acontece no contexto das práticas desportivas. De forma, há movimentos, posturas e técnicas para

cada modalidade, por isso o corpo deve ser educado para atender a esse efeito. Quem argumenta melhor este pressuposto é Braga (2008, p. 11) ao referir que “alguns desportos, por sua regulamentação, permitem jogadas mais rápidas e violentas, apresentam maiores riscos de lesões do que outros desportos cuja dinâmica é mais suave. Como pode-se entender, estas práticas implicam uma educação própria”.

Esta ideia de conceber o corpo como elemento a ser educado para atender cada modalidade, por isso tem uma concepção própria, é usada para estudar contextos mais amplos e até colectividades humanas. É exemplo disso, a ideia De Almeida *et al.* (2010, p. 60) segundo a qual “as práticas corporais – jogos de brincadeiras - são entendidas como elementos da cultura corporal de cada etnia indígena portanto assume sentidos e significados de acordo com o contexto social no qual são vivenciados”.

Esta preocupação com o contexto social em que estão inseridos os corpos é também objecto de reflexão quando analisa-se as diferenças entre categorias sociais (homens e mulheres, jovens e idosos) no acesso e prática do desporto. Neste contexto Gonçalves (2011, p. 23) refere que “mulheres e jovens praticam cada vez mais, actividades físico- desportivas em que o culto pelo corpo, as motivações de natureza estética e busca de melhor saúde constituirão os principais motivos de realização destas actividades”.

A mesma problemática é discutida por Mauss (1934) ao referir que

[...] as técnicas corporais são transmitidas de geração em geração, são dinâmicas e dizem respeito a uma tradição. Por isso dividem-se em sexo e idade assim como podem ser classificadas em relação ao seu

rendimento, resultado e treinamento (p. 119 – 121).

Estes aspectos fazem com que conceba-se os corpos dos que praticam o desporto como tendo corpos fortes, resistentes e preparados. É nesta ordem de ideia que “o desporto é um universo simbólico da cultura masculina, de virilidade e proezas físicas tem-se tornado ambígua” (GONÇALVES, 2011, p. 24). A ambiguidade deste aspecto reside no facto de aspectos relacionados as proezas físicas poderem estar presentes em homens assim como mulheres, em idosos assim como em adultos.

Seja como for, importa referir que as várias concepções que existem em torno da ideia de corpo destinado as manifestações desportivas são frutos de todo um processo de educação. Este processo é metaforicamente designado de fabricação dos corpos. Segundo De Almeida *et al.* (2010),

O corpo humano é fabricado a partir de processos intencionais e periódicos. A fabricação do corpo é intervenção consciente da cultura sobre o corpo humano, combinado a pessoa, modificando sua essência e se manifestando desde a gestualidade, até alterações da forma desse corpo (p. 63).

Como pode-se depreender, este exercício de educação dos corpos verifica-se também no desporto pois, um corpo concebido para o desporto é educado, é fabricado para o efeito. Desta feita, pode-se conceber o desporto como contexto por isso verifica-se educação específica baseada por exemplo no treinamento, disciplina de respeito pelo outro e espírito de grupo no seio das manifestações desportivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs-se a analisar como se educam os corpos a partir da prática do desporto. A ideia de analisar o assunto

surgiu a partir da constatação segundo a qual em cada aglomerado social encontra-se formas de educação dos corpos, de socialização dos actores sociais de forma a fazerem parte da cultura em que encontram-se inseridos. A mesma situação sucede no desporto pois, pode ser concebido como uma manifestação cultural da qual é importante educar os corpos para o sucesso desportivo.

A relevância de analisar este assunto a partir de pressupostos teóricos e metodológicos da antropologia prende-se com o facto de possibilitar reiterar um dos principais pressupostos teóricos e metodológicos da antropologia, a diversidade cultural. O assunto ora analisado evidencia este pressuposto de diversidade cultural porque, em cada contexto social educa-se os corpos, mas também porque em cada modalidade desportiva temos uma educação dos corpos.

Esta análise partiu da revisão de literatura sobre a prática do desporto, por um lado, e corpo como constructo social, por outro. A Análise mostrou que há todo um processo de socialização dos corpos no desporto que é promovido pelos diversos actores que estão envolvidos na modalidade em causa. Estes actores procuram imprimir nos corpos um conjunto de técnicas, posturas, significados e representações socialmente reconhecidas para o sucesso desportivo. Desta feita, para além de referências naturais, o corpo tem referências sociais, e a evidência está no facto de ser educado de acordo com o tempo e espaço.

Este assunto ganha relevância por entender-se que uma das principais preocupações da humanidade tem a ver com o tratamento do corpo, desta feita, a mesma preocupação pode ser evidenciada no desporto ao analisar-se os desafios que se impõe a um corpo para se ter sucesso e êxitos desportivos. Esta mesma educação possibilita dispor de prestígio e legitimidade

de fazer parte do agrupamento social da cultura desportiva.

Em suma, a educação dos corpos no desporto é um assunto que possibilita discutir a dinâmica social no contexto desportivo assim como elementos de sociabilidade dos corpos pois, os corpos são socializados e concebidos como “espaços” de sacrífico, proezas, lembranças e marcas de todo um conjunto de factos sociais relativos as manifestações desportivas.

Estes elementos fazem com que os corpos sejam educados e a partir daí sejam categorizados como os que estão de acordo com os preceitos culturais do agrupamento em causa e os que estão à margem das lógicas desportivas. Estes e outros elementos fazem pensar na ideia de manifestações desportivas como um conjunto de disposições culturais contextualmente situadas e diversificadas.

REFERÊNCIAS

- BITENCOURT, F. Dor e corpo no futebol: uma etnografia do mundo vivido em um centro de treinamento de um clube brasileiro. **Esporte e Sociedade**, v. 10, n.26, 2005.
- BOURDIEU, P. Program for a sociology of sport. **Sociology of sport journal**, v.5, Pp. 153-161. 1998.
- BRAGA, A. **A Relação entre personalidade e as lesões musculares em atletas de ténis de campo**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Curso de Pós-graduação em Educação Física, Departamento de Educação Física, Sector de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Paraná, 2008.
- CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Editora Vozes. 1998.
- DE ALMEIDA, A *et al.* As práticas corporais e a educação do corpo indígena: A contribuição do esporte nos jogos dos povos indígenas. **Bras. Cienc. Esporte, Florianópolis**, v.32, n.2-4. Pp.57-74, 2010.
- DESJARLAIS, R. & THROOP, J. Phenomenological approach in Anthropology. **Annual Reviews of Anthropology**, v.1. n. 40, P. 87-102. 2011.
- DOMINGOS, N. & NASCIMENTO, A. Em torno das práticas desportivas em África. **Cadernos de Estudos Africanos**, v.26. Pp. 7-12, 2013.
- FOCAULT, M. **Discipline and Punish, The Birth of The Prision**. New York: Pan-American Copyrighth Conventions Publish Vintage Books, 1995.
- GONÇALVES, J. **Hábitos desportivos dos jovens: estudo da população jovem do Concelho de Torres Novas**. Dissertação (Mestrado em Lazer e Desenvolvimento Local) Curso de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra. 2011.
- LEACH, E. 1982. **O meu tipo de antropologia: a diversidade da antropologia**. Lisboa: Edições 70.
- MAUSS, M. **As Técnicas corporais**. Disponibilizado por Leandro Moura dos Reis. 1934.
- MENDES, P. *et al.* As Ciências do Desporto e o corpo: entre as ciências naturais e as ciências sociais, in: *exadra*, v.1. n.1. Pp.91-100. Junho 2009.
- TURNER, B. Social Fluids: metaphors and meaning of society. **Body & Society**, v.9. Pp. 1-10. 2003.
- RIBEIRO, M. Educação para a Cidadania: questão colocada pelos movimentos sociais, **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 2, pp: 113-128. 2002.
- ROCHA, A. O desporto em Moçambique

dos primórdios ao avento dos desportos modernos, **Revista Tempo**, nº 7; Março a Junho. 2013.

ROSSEAU, J. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. São Paulo: Nova Cultura. Pp. 233-320. 1991 [1755].

SILVA, I. 2014. **Corporalidade na polé dance**: uma análise antropológica in: 29 reunião brasileira de antropologia, 03 a 06 de Agosto.

SHEPER-HUGHES, N.; & LOCK, M. 1987. The Mindful body: a prolegomenon to future work in medical anthropology, **Medical Anthropology Quarterly**, v.1. n.1, Pp. 6-41.

VILHEMA, J. *et al.* Narrando dores: a tatuagem como narrativa, **Cadernos Psicanal**, v.37, n.33, Pp. 129-154. 2015.